



Festas escolares no Núcleo de Educação Infantil da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1979-2008)

THÁBATA ARAÚJO DE ALVARENGA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA 

CLIO: REVISTA DE PESQUISA HISTÓRICA

Clio (Recife, Online), v. 42, ano 2024

<https://doi.org/10.51359/2525-5649.2024.257371>

e-ISSN: 2525-5649





Festas escolares no Núcleo de Educação Infantil da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1979-2008)

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar as festas escolares ocorridas no Núcleo de Educação Infantil (NEI) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), entre os anos de 1979 e 2008, considerando-as como um ritual definido por uma dialética entre o cotidiano e o extraordinário. A partir da análise dos Boletins Informativos da UFRN, dos relatos de práticas pedagógicas contidos nos cadernos *Faça e Conte* e dos registros das crianças publicados nos livros das turmas de alfabetização reconstruímos as experiências e as vivências das crianças nas festas juninas e nas comemorações da semana da criança. Tais festas, mais que espaços de socialização infantil, fomentavam novas aprendizagens e novos saberes na infância. Nesses momentos festivos a cultura escolar se abria ao público mais amplo dos familiares de alunos que, juntos com as crianças, experimentavam da infância vivida no NEI.

PALAVRAS-CHAVE: festas escolares; cultura escolar; Núcleo de Educação Infantil; Natal.

School parties at the Núcleo de Educação Infantil of the Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1979-2008)

ABSTRACT: This article aims to analyze the school parties that took place at the Núcleo de Educação Infantil (NEI) of the Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), between 1979 and 2008, considering them as a ritual defined by a dialectic between the everyday and the extraordinary. A based on the analysis of the UFRN Newsletters, the reports of pedagogical practices contained in the *Faça e Conte* notebooks and the children's records published in the books of the literacy classes, we reconstructed the experiences of children in June festivities and in the celebrations of children's week. Such parties, more than spaces for children's socialization, fostered new learning and new knowledge in childhood. In these festive moments, school culture was opened up to a wider audience of students' families who, together with the children, experienced the childhood lived at NEI.

KEYWORDS: school parties; school culture; Núcleo de Educação Infantil; Natal.

Festas escolares no Núcleo de Educação Infantil da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1979-2008)

THÁBATA ARAÚJO DE ALVARENGA

Introdução

Fernand Braudel, em *A longa duração*, nos adverte que, quer se trate do passado, quer se trate da atualidade, torna-se indispensável uma consciência nítida acerca da pluralidade da duração social, com seus tempos múltiplos e contraditórios¹. Este artigo volta-se, portanto, ao tempo breve, *événementielle*, dos acontecimentos, à massa dos pequenos fatos que constituíram o passado e a vida cotidiana das crianças, das professoras, dos funcionários, sujeitos da cultura escolar do Núcleo de Educação Infantil (doravante NEI), pré-escola vinculada ao então Departamento de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), entre o ano de 1979, quando a instituição foi criada, e o ano de 2008, período no qual a escola atendeu exclusivamente os filhos dos funcionários (técnicos administrativos e professores) e alunos da UFRN.

No espaço escolar, assim como na sociedade, de modo geral, existem, de um lado, eventos que fazem parte da rotina cotidiana, e de outro, eventos que estão situados fora desse dia a dia repetitivo e rotineiro: as festas, as cerimônias, as solenidades, os bailes, as reuniões etc. Se na cultura escolar do NEI a rotina foi, e ainda é, um elemento estruturante da prática pedagógica vivenciada cotidianamente, outras práticas que fugiam à rotina conferiam um caráter “extraordinário” à escola. Referimo-nos às festas de aniversário realizadas no espaço escolar, às festas juninas, às festividades da semana da criança e aos demais eventos que, esporadicamente, aconteciam naquele local, gerando euforia e animação nas crianças.

¹ Fernand Braudel, “História e ciências sociais: a longa duração”, in *História e ciências sociais*, Lisboa: Editorial Presença, 1990, pp. 7-39.

As festas, menciona Roberto da Matta, em *Carnavais, Malandros e Heróis*², são concebidas e vividas como ritualizações fora do tempo, situando-se numa zona de suspensão do tempo, que abarca o “universo da fantasia”. Assim considerada, a festa é um ritual definido por uma dialética entre o cotidiano e o extraordinário, quando se abrem as portas da comunicação entre o “mundo real” e um “mundo especial”, construído pela e para a sociedade. Se as festas podem ser estudadas como dramatização de temas e problemas básicos do cotidiano da sociedade, em nossa pesquisa nós a consideramos também como eventos que, ao escapar da rotina diária da escola, geravam modificações no comportamento das crianças e dos adultos que as rodeavam, criando as condições para que esses momentos fossem percebidos como especiais, extraordinários, marcados pela alegria e por valores considerados altamente positivos.

A historiografia brasileira tem se proposto a recuperar as práticas educacionais das festas comemorativas, sobretudo as festas cívicas que se instituíram a partir do período republicano e que tinham como objetivo forjar uma memória histórica e um ideal de cidadania na população brasileira, expandindo-se, a partir da escola, dos alunos aos seus familiares³. Dessa forma, coube aos educadores das primeiras décadas republicanas a tarefa da invenção de “tradições nacionais”, que deveria incutir no povo o “sentimento republicano” manifesto desde o período colonial, embora necessariamente interrompido durante a monarquia⁴.

A partir da década de 1950, a organização das comissões federal e estadual do folclore tiveram um papel fundamental no incentivo às festividades escolares. Segundo Marta Abreu, os folcloristas (dentre eles, Renato Almeida, Amadeu Amaral e Cecília Meireles) consideravam que o estudo das tradições populares nacionais deveria constituir parte do currículo escolar e orientar a

² Roberto da Matta, *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

³ Ver Crislane Barbosa Azevedo, “Celebração do civismo e promoção da educação: o cotidiano ritualizado dos Grupos Escolares de Sergipe no início do século XX”, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 31, n. 62 (2011), pp. 93-115, <https://doi.org/10.1590/S0102-01882011000200007>; Circe Bittencourt, “As “tradições nacionais” e o ideal das festas cívicas”, in Jaime Pinsky (org.), *O ensino de história e a criação do fato*, Belo Horizonte: Contexto, 2009, pp. 53-92; Antônio de Pádua Carvalho Lopes, “A escola em festa: as festividades escolares na primeira república no Piauí”, in *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação*. Uberlândia: Editora da UFU, 2006, pp. 4365-4373; Sebastião Alves Maia, “Grupo escolar Duque de Caxias Festas escolares: uma celebração de múltiplos significados”, Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012, <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14535>; Rosa Milena dos Santos e Crislane Barbosa Azevedo, “Ensino e celebração: festas escolares nos grupos escolares norte-rio-grandenses no início do século XX” in *Anais do Seminário Didática e Ensino de História*, Natal, 2015, <http://sedeh2015.webnode.com/trabalhos-apresentados>.

⁴ Bittencourt, “As ‘tradições nacionais’ e o ideal das festas cívicas”.

prática pedagógica socializadora dos professores⁵. A vivência e a consequente valorização das tradições populares pelas crianças nas escolas, principalmente no ensino primário, era compreendida como instrumento efetivo de formação da identidade nacional brasileira. Assim, as festas tornaram-se uma excelente oportunidade para a aplicação desta estratégia no ensino, uma vez que eram eventos integradores de toda a comunidade escolar.

Veremos, pois, nas páginas seguintes, como se processou, no NEI, a passagem do “domínio do mundo cotidiano” a outro: “o mundo dos acontecimentos *extraordinários*”. Em nosso trabalho de pesquisa documental as informações acerca das comemorações festejadas na escola nos chegaram por intermédio de três tipos de fontes distintas: entre os anos de 1979 e 1985, nossa principal fonte de consulta foram os Boletins informativos da UFRN, preservados na sessão *Coleções Especiais*, pertencentes ao acervo da Biblioteca Central Zila Mamede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Para os anos compreendidos entre 1988 e 2006, consultamos os relatos de práticas pedagógicas escritos pelas professoras do NEI, publicados nos cadernos *Faça e Conte* e os registros sobre as pesquisas escolares desenvolvidas pelos alunos das turmas de alfabetização, bem como as histórias de faz de conta produzidas por essas mesmas crianças, contidos nos livros da turma 5⁶, preservados pela Biblioteca Setorial do NEI.

Nesse artigo trataremos particularmente das festas juninas e das festividades da semana da criança realizadas no espaço escolar do NEI, entre os anos de 1979 e 2008, que, adequadas às propostas pedagógicas da instituição, tornaram-se não somente eventos favoráveis à sociabilização das crianças, mas propícios ao desenvolvimento de novas habilidades na infância, forjando uma cultura escolar com vistas a entrelaçar saberes e vivências infantis.

Tradição cultural e novas aprendizagens nas festividades de São João

Tradição cultural em todo o Brasil e, sobretudo, nos estados do Nordeste, as festas juninas, ou o São João, como ainda é comumente chamado no NEI, é um evento que envolve toda a comunidade escolar, professores, técnicos administrativos, crianças e familiares numa festa de muita alegria, muita cor, muita música, muita dança e muita comilança. Segundo Eulália Barros, desde

⁵ Martha Abreu, “Cultura popular, um conceito e várias histórias”, in Martha Abreu e Rachel Soihet (orgs.), *Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, pp. 83-102.

⁶ A turma 5, última turma de Educação Infantil do NEI, é constituída por crianças na faixa etária entre os 6 e 7 anos de idade, em fase de alfabetização. Corresponde, na atualidade, ao 1º ano do Ensino Fundamental.

os primórdios, a festa junina era a mais criativa e a mais participativa que ocorria na escola e o envolvimento das crianças na festividade iniciava-se meses antes, com a preparação de um roçado de milho, batata doce e mandioca, plantado, cultivado e colhido pelas crianças da escola para ser saboreado no dia da festividade de São João⁷. No entanto, a primeira referência ao São João do NEI data de 1982, quando a assessoria de imprensa da UFRN noticiou que a festa ocorreria no dia 2 de junho, “quando o NEI às 16 horas, reunirá seus alunos, pais e familiares para os festejos juninos, acompanhados de comidas típicas⁸. Anos mais tarde, Gustavo, aluno da turma 5 do NEI, contextualizava a festa, mencionando que “no São João se comemora o nascimento de São João”, e que “nessa época se dança a quadrilha, com fogueiras, comidas típicas, fogos e balões...”⁹. As crianças da turma 5 B do período vespertino do ano de 1996 relatam:

as pessoas se vestem com roupas caipiras. As mulheres colocam vestidos com rosas e babados e os homens vestem calça jeans, camisa e lenço no pescoço. Também colocam um chapéu de palha na cabeça. A gente enfeita o salão com bandeirinhas, balões e bonecas de papel. E se dança a quadrilha com muita animação¹⁰.

Caracterizados como matutos e com o salão devidamente enfeitado, no embalo da festa, as crianças da turma 5 B do período matutino dançaram, naquele mesmo ano de 1996, o *Xote Ecológico* e cantaram, juntamente com o rei do baião:

Não posso respirar,
Não posso mais nadar
A terra está morrendo
Não dá mais pra plantar
Se plantar não nasce
E se nascer não dá
Até pinga da boa
É difícil de encontrar¹¹.

⁷ Eulália Duarte Barros, “Núcleo Educacional Infantil: busca de um currículo para a pré-escola”, Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1990, p. 34.

⁸ *Boletim Informativo da UFRN*, n. 76, Natal, 31 mai. 1982, p. 3.

⁹ Cynthia Pereira de Medeiros e Elba Rosa Cavalcante Vasconcelos (orgs.), *O futebol maluquinho e as palavras da turma 5 B. Turma 5 B manhã*, Natal: UFRN/CCSA/DE/NEI, 1996.

¹⁰ Maria Augusta Costa Cartaxo (org.), *Era uma vez... Turma 5 B tarde*, Natal: UFRN/CCSA/DE/NEI, 1996, p. 15.

¹¹ Medeiros e Vasconcelos (orgs.), *O futebol maluquinho e as palavras da turma 5 B*, pp. 25-27.

No NEI, a tradição da festa junina envolve todo um trabalho de contextualização da festividade que inclui o estudo dos gêneros musicais, das letras das canções e a trajetória dos artistas que, ao longo do tempo, emprestaram suas canções ao evento. Nessa perspectiva, *Xote ecológico* é resgatado com vistas a conscientizar as crianças dos problemas ambientais que envolvem o planeta e o mês de junho deixa de ser apenas tempo de festas juninas para se tornar tempo de novas aprendizagens, embaladas pelas músicas, pela quadrilha, pelas comidas, pelas simpatias, pelas histórias das festas juninas.

Tradicionalmente, o NEI privilegiava o forró, o xote e o xaxado como estilos musicais a serem tocados em suas festas juninas e Luíz Gonzaga é um dos artistas mais trabalhados pelas professoras, juntamente com as crianças. Em 2005, as crianças da turma 5 fizeram uma interpretação coletiva da música *Asa Branca*, que teria sido utilizada por elas na festa junina e que, segundo elas, possuía “grande valor para as pessoas do sertão”, pois “trata da seca do nordeste”. As crianças associavam a letra da canção à história do seu criador, Luiz Gonzaga, que nasceu no sertão de Pernambuco e migrou para o Rio de Janeiro, ainda jovem, em busca de oportunidades.

Quando Luiz canta *Asa branca* diz que a terra do sertão, na seca, é tão quente como uma fogueira. A música *Asa branca* fala das pessoas que vão embora do sertão porque a falta d'água mata a plantação, o gado e outros animais. O autor fala da sua tristeza por estar longe da sua terra e do seu amor...¹²

É a partir da obra de Luiz Gonzaga que a imagem do Nordeste, com seus problemas e seus dilemas, emerge no imaginário das crianças do NEI. Fica bastante patente o quanto, na narrativa das crianças, o Nordeste e o nordestino sertanejo são o reflexo de uma abordagem imagética e discursiva fruto de “invenções efetuadas por meio de determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes” com vistas a “falar e mostrar a ‘verdadeira’ região”¹³. Dessa forma, a escola contribui também para perpetuar “essa invenção, essa repetição regular de determinados enunciados tidos como definidores do caráter da região e de seu povo, que falam de sua verdade mais interior”¹⁴, reforçando, assim, no imaginário infantil, um Nordeste que se contrapõe ao Sul e ao Sudeste, esses como lugar de progresso e riqueza, aquele como lugar de

¹² Raimunda Porfírio Ribeiro (org.), *Nossas histórias: um mundo em construção. 5 A manhã*, Natal: UFRN/CCSA/DE/NEI, 2000, p. 29.

¹³ Durval Muniz de Albuquerque Júnior, *A invenção do Nordeste e outras artes*, São Paulo: Cortez, 2011, pp. 31-32.

¹⁴ Albuquerque Júnior, *A invenção do Nordeste e outras artes*, p. 35.

atraso e pobreza.

Em 2005, nova referência ao rei do baião aparece na história de faz de conta de Brenda, sobre uma menina que foi para uma festa de São João numa fazenda e que, embora tenha se entristecido por não ter encontrado um par para dançar a quadrilha, alegrou-se porque começou a tocar a música que ela mais gostava: “olha pro céu meu amor, veja como ele está lindo”¹⁵. Assim, a festa do São João era também o momento no qual as crianças conheciam e estudavam as músicas que tradicionalmente eram tocadas, assim como seus artistas. Era em tempos de festa junina que tais músicas entravam, carregadas de sentido, para o repertório cultural daquelas crianças.

Por meio de tais narrativas, percebe-se que a festividade de São João não era a mesma sem a fogueira, os balões, as bandeirinhas e as lanternas. Se a festa de São João nos leva às bandeirinhas, estas conduzem as crianças ao estudo da arte de Alfredo Volpi¹⁶ que, sempre atento ao cotidiano, faz uso das bandeirinhas de São João, com forma e geometria bem definida, como instrumento para abstração nas telas, sem limites. E as crianças tinham a oportunidade de dar vivas a São João e a Alfredo Volpi. Constatamos, portanto, que as intervenções pedagógicas levadas a cabo no NEI, longe de serem desconexas ou fragmentadas, como sentenciou Marta Chaves em seu estudo sobre as práticas pedagógicas na educação infantil¹⁷, são criadoras de necessidades, na medida em que disponibilizam às crianças diversos dispositivos culturais capazes de fomentar novos saberes na infância. Além disso, as festas comemoradas na escola, a exemplo do São João, não eram mera apropriação de tradições culturais ou de comemorações sociais, mas se constituíam como momentos capazes de fomentar novas vivências e experiências, propagando saberes que se ajustavam aos pressupostos pedagógicos da instituição.

Assim, o São João não se resumia somente à festa propriamente dita. Em tempos de São João era hora de reafirmar, junto aos pais e avós das crianças, as lendas e superstições ligadas às festas juninas. As crianças aprendiam que “a fogueira [que] também é usada nas festas (...), antigamente servia para espantar

¹⁵ Analice Cordeiro dos Santos Victor, Clarice Ferreira Guimarães e Cláudia Limeira de Sena (orgs.), *Uma mistura diferente: pesquisas, brincadeiras e histórias*, Natal: UFRN/CCSA/DE/NEI, 2005, p. 33.

¹⁶ Analice Cordeiro dos Santos Victor e Olga Maria Cavalcanti Rocha, “Balões, bandeirinhas, milho e fogueira: os saberes/fazeres das tradições juninas na escola infantil”, in S. G. Pimentel (org.), *Entrelaçando vivências e saber na educação infantil*, Natal: NEI/UFRN, 2006, pp. 35-37.

¹⁷ Marta Chaves, “Práticas pedagógicas na educação infantil: contribuições da teoria histórico-cultural”, *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 27, n. 1 (2015), pp. 56-60, <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1356>.

os maus espíritos”¹⁸. E conheciam muitas outras lendas sobre a fogueira que giravam em torno da religiosidade popular: a fogueira como recurso utilizado por Santa Isabel para anunciar à Maria, mãe de Jesus, o nascimento de seu filho, São João Batista; a fogueira como símbolo da espiritualidade de São João em momentos de oração no deserto¹⁹. Outra superstição que as crianças resgataram com os mais velhos foi a simpatia. Dessa forma aprenderam que se em noite de São João, alguém enfiasse uma faca nova no tronco de uma bananeira, o leite que dele escorria formava a primeira letra do nome da pessoa com quem esse alguém iria se casar²⁰. E eram muitas as simpatias em torno da pessoa amada, com a evocação de Santo Antônio, o santo casamenteiro e São João. Além da citada simpatia usando a bananeira, as crianças descreveram muitas outras, usando alianças, bacia de água, imagem do santo, entre outros elementos vinculados à tradição e religiosidade popular²¹.

No NEI, os festejos juninos, em função da importância cultural que exerciam, sobretudo na região Nordeste do Brasil, eram considerados temas cíclicos e estudados numa perspectiva histórica cultural, que envolvia uma série de pesquisas e discussões sobre as suas origens e sua evolução no devir dos tempos. Marta Abreu menciona que a história das festas juninas no Brasil ainda está por se fazer e que tal tradição não possui origem nacional, visto ter sido trazida ao Brasil pelos colonizadores portugueses, muito antes de se conceber uma nação brasileira²². Nessa perspectiva, as crianças do NEI apoiavam-se tanto na mitologia cristã, quanto nos ritos pagãos para compreender a origem dos festejos juninos:

Há milhares de anos existia uma festa com o nome de Joanina [sic], era comemorada pelos cristãos em homenagem a São João.

Num lugar muito longe daqui, os homens faziam uma outra festa para agradecer aos espíritos pela boa colheita. Acendiam fogueiras agradecendo a terra boa para plantar e, soltavam balões agradecendo aos santos.

Essa festa do passado originaram [sic] a festa junina que nós dançamos até hoje²³.

Já sobre a origem das quadrilhas, dançadas nas festas juninas, as crianças do NEI apresentam-nos duas versões distintas: em uma delas mencionam que a

¹⁸ Cartaxo (org.), *Era uma vez...*, p. 16.

¹⁹ Analice Cordeiro dos Santos Victor (org.), *Reinações da turma 5. Turma 5 A tarde*, Natal: UFRN/CCSA/DE/NEI, 1996, pp. 89-92.

²⁰ Medeiros e Vasconcelos (orgs.), *O futebol maluquinho e as palavras da turma 5 B*, p. 29.

²¹ Victor (org.), *Reinações da turma 5*, pp. 121-126.

²² Abreu, “Cultura popular, um conceito e várias histórias”, pp. 83-102.

²³ Ribeiro (org.), *Nossas histórias: um mundo em construção*, p. 30.

quadrilha se originou “na idade média, primeiramente, na Inglaterra”, surgida em meio à nobreza, mas que, com o passar do tempo, foi apropriada pelos camponeses. No Brasil, teria sido introduzida pelos europeus, à época do descobrimento, “chegando inicialmente em Recife e depois se espalhando por todo o Brasil”²⁴. Já a segunda versão também menciona o caráter exógeno da festividade, mas afirma que sua origem é francesa, tendo sido introduzida no Brasil pela corte de D. João VI, constituindo-se na “dança preferida para abrir os bailes da corte”²⁵.

A quadrilha, símbolo da festa junina, origina-se de uma contradança trazida ao Brasil pela corte imperial portuguesa, cujas figuras e passos sofreram uma série de modificações e adaptações ao longo dos tempos e dos espaços em que foram sendo executadas. “Nobre e cortês na sua origem, a quadrilha tornou-se uma dança e um espetáculo popularizado e reinventado, marcando as festas de São João de todo o país”²⁶. Dos palácios e salões situados nos centros urbanos, a quadrilha deslocou-se para o interior, quando em fins do século XIX e inícios do século XX, já na órbita das implicações políticas e culturais dadas pelo advento da República, tais costumes passaram a ser desprezados pelas camadas urbanas citadinas, sendo incorporados ao modo de vida das populações interioranas, consideradas defasadas geograficamente e culturalmente em relação à cidade²⁷. Adotando uma linha explicativa semelhante, Marta Abreu menciona que nossas atuais festas juninas, excetuando-se aqui e ali, a fogueira, os fogos controlados e algumas comidas “típicas”, guardam poucas semelhanças com os festejos de inícios do século XIX, descritos por Mello Moraes Filho em *Festas e Tradições populares do Brasil* (1977)²⁸. Segundo a autora, muito provavelmente foi entre a virada do século XIX e as primeiras décadas do século XX, que certas marcas das festas juninas atuais (o traje, a música caipira, o casamento na roça e as barraquinhas, por exemplo) teriam passado a fazer parte da festa, em função das inúmeras transformações modernizantes pelas quais passaram as maiores cidades brasileiras, levando-as a se afastar do mundo rural.

Exatamente nesta época ganham expressão na literatura e nos textos teatrais as figuras do caipira ou matuto, do

²⁴ Izana Maria A. Fernandes e Rutilene Santos de Souza Melo (orgs.), *A lâmpada do conhecimento*, Natal/RN: UFRN/CCSA/DE/NEI, 2005, p. 36.

²⁵ Andréa M. Diniz, Sayonara Miranda A. de Oliveira e Simone Rodrigues de Lima Costa (orgs.), *Gira, Gira: viajando no universo do saber. Turma 5 tarde*, Natal/RN: UFRN/CCSA/DE/NEI, 2005, p. 41.

²⁶ Luciana de Oliveira Chianca, “Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa”, *Sociedade e cultura*, v. 10, n. 1 (2007), pp. 45-59, <https://doi.org/10.5216/sec.v10i1.1722>.

²⁷ Chianca, “Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa”, p. 50.

²⁸ Abreu, “Cultura popular, um conceito e várias histórias”, pp. 83-102.

sertanejo ou caboclo, representando o interior e o atraso frente ao pretenso progresso das cidades. As festas juninas teriam se transformado em festas caipiras²⁹.

Nesse sentido, verificamos também, a partir do texto coletivo escrito pelas crianças da turma 5 do NEI, a consciência histórica de que certas tradições não são tão originais e autênticas assim, afinal, mencionam as crianças a partir de suas pesquisas, as festas juninas foram adaptadas ao gosto brasileiro, tanto em relação ao jeito de dançar, ao local, quanto aos trajes usados³⁰. Tais dados atestam, conforme muito bem nos ensinou Eric Hobsbawm e Terence Ranger, que as tradições são inventadas e, permanentemente, reinventadas, pois visam conservar determinadas estruturas do passado, frente às transformações ocorridas na modernidade³¹.

Além das atividades de pesquisa que envolviam o estudo mais sistematizado sobre os festejos juninos, uma série de atividades diversificadas também ocorriam no espaço escolar no decorrer do mês de junho. Assim, no ano de 2005, as crianças da turma 5 tiveram a oportunidade de vivenciar jogos e brincadeiras, experimentar as simpatias, ler e cantar músicas juninas, entrevistar os pais e avós sobre as tradições juninas, em especial, sobre a quadrilha, realizar lanche coletivo com comidas típicas e, finalmente, dançar a quadrilha na festa junina da escola, encenando o casamento matuto³².

Em meados dos anos 2000, passadas mais de duas décadas de festejos juninos no Núcleo, as professoras Izana e Rutilene afirmam que “o São João no NEI já virou uma tradição”. No mês de junho, quando se comemora São João, Santo Antônio e São Pedro, as crianças do NEI vivenciavam intensamente essa festa: os seus ritmos e suas danças (forro pé de serra, xote e xaxado); suas brincadeiras divertidas (pau de sebo e rabo no burro, pescaria e argola), as gostosuras do milho (milho verde, pamonha, canjica) e muitas outras delícias (cocada, cachorro-quente e churrasco), dispostas sobre farta mesa ao longo da qual se encontravam as crianças prontas a degustar tais gostosuras; os enfeites (bandeirinhas, balões e lanternas)³³. Há que se lembrar também que uma tradicional festa junina não pode dispensar a fogueira e os fogos em homenagem aos santos: o chumbinho, o traque, as velinhas, a chuva de prata, o mijão, o vulcão, o peido de “véia” e a cobrinha, que são, repetidamente, descritos pelas crianças do NEI³⁴.

²⁹ Abreu, “Cultura popular, um conceito e várias histórias”, p. 99.

³⁰ Fernandes e Melo (orgs.), *A lâmpada do conhecimento*, p. 36.

³¹ Eric Hobsbawm e Terence Ranger, *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

³² Diniz, Oliveira e Costa (orgs.), *Gira, Gira: viajando no universo do saber*, p. 41.

³³ Fernandes e Melo (orgs.), *A lâmpada do conhecimento*, p. 34.

³⁴ Ribeiro (org.), *Nossas histórias: um mundo em construção*, p. 12.

Se a festa junina constituía uma tradição para todo o NEI, a dança da quadrilha e o casamento matuto tornaram-se tradição na turma 5, conforme reforçam as professoras Izana e Rutilene³⁵. E os alunos das professoras Analice, Cláudia e Clarice, que também dançaram a quadrilha no ano de 2005 na festa junina do NEI, descreveram alguns passos que aprenderam para apresentar na festa: *beija-flor, x a galope, túnel; caminho da roça, olha a cobra, caracol* e *arara* acompanham os tradicionais *balancê, sangê, anarriê* e *alavantu* das quadrilhas juninas (*Imagens 1 e 2*).

Imagem 1 - Crianças dançam a quadrilha junina do NEI



Fonte: Acervo do NEI, sem data.

Imagem 2 - Crianças fazem o caracol na quadrilha junina do NEI



Fonte: Acervo do NEI, sem data

As imagens das quadrilhas registradas nas *Imagens 1 e 2* nos dão também

³⁵ Fernandes e Melo (orgs.), *A lâmpada do conhecimento*, p. 34.

a dimensão da caracterização das crianças matutas durante a festa junina: as meninas usavam vestidos de chita, com babados, rendas e laços, em cores fortes, alegres e vivas, ora exibiam laços, chapéus e tranças nos cabelos; já os meninos, vestiam-se com uma roupa mais despojada, composta por blusas xadrezes ou quadriculadas, também em tons fortes e alegres, calças jeans nas quais, muitas vezes, eram improvisados remendos costurados com restos de tecidos, e, por vezes, lenços no pescoço e chapéus na cabeça. Assim, percebemos que, de modo geral, a vestimenta do matuto segue o estereótipo citadino do homem do campo, ao qual se atribui, por ocasião das festas e eventos sociais, o gosto exótico pelas cores fortes, alegres e vivas. Segundo Chianca, desde a década de 1930, a simplicidade das vestimentas constitui a marca do matuto e tal simplicidade é fruto de um estado revelador de privações econômicas³⁶. Assim, a chita, “tecido-chave da roupa matuta”, é informada por essa precariedade, tratando-se de um tecido barato e de baixa qualidade. Chianca menciona, ainda, que a sociedade urbana apresenta o matuto como um inadaptado às práticas corporais citadinas, em função do mal gosto e da estética excessivamente grosseira de suas vestimentas³⁷.

Se providenciar a vestimenta que as crianças usavam na festa junina era tarefa das famílias, preparar as apresentações das crianças da turma 5 para dançar a quadrilha e encenar o casamento matuto era tarefa da escola, conforme podemos observar pela *Imagem 3*, que registra um momento bem divertido da fala do padre durante o casamento matuto, denunciada pelas expressões sorridentes das crianças que compõem a cena, no papel da noiva e do noivo, e da professora Gilvânia, que ensaia o grupo.

Imagem 3 – Ensaio para o casamento matuto do NEI



Fonte: Acervo do NEI, sem data.

³⁶ Chianca, “Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa”, p. 51.

³⁷ Chianca, “Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa”, pp. 45-59.

Nesse trabalho de preparação que antecede aos festejos juninos, valia também rememorar o que as crianças dos anos anteriores realizaram, tal como procederam as professoras Andréa, Sayonara e Simone, quando assistiram, juntamente com as crianças da turma 5 do ano de 2005, à filmagem da encenação do casamento matuto realizado pelas crianças do NEI, no ano de 2004, na festa junina da escola. Além disso, as professoras conversaram com as crianças sobre o tema, a fim de compreender qual era o seu grau de entendimento sobre o assunto. E as respostas foram bem diversificadas:

- As pessoas se casam quando se amam muito.
- As pessoas se casam para ganhar filhos.
- O casamento matuto é engraçado porque o noivo corre para não casar.
- Eu acho violento, porque o pai da noiva, o delegado e o soldado pegam o noivo para se casar à força.
- Eu acho engraçado porque o pai diz: *você casa com a minha fia nem que seja debaixo de bala* (risos).
- Eu não sei por que a noiva desmaia.
- É porque o noivo corre para não se casar³⁸.

As crianças partiram da concepção romântica e tradicional do casamento, como fruto do amor entre duas pessoas para a formação da família nuclear, composta por pai, mãe e filhos, para, enfim, refletir sobre o casamento matuto, no qual a união entre duas pessoas era marcada mais pela violência do que pelo amor. Embora a maior parte das respostas das crianças demonstrassem, talvez sem perceber, a ação violenta no casamento matuto, elas o compreendiam a partir de uma perspectiva cômica. Apenas uma das crianças destacava seu caráter efetivamente violento, afinal “o pai da noiva, o delegado e o soldado pegavam o noivo para se casar à força”. Assim a criança demonstrava o quanto a atitude do pai da noiva, que usava de seu poder e sua autoridade com vistas a subjugar o noivo ao seu arbítrio, era truculenta.

As opiniões das crianças, derivadas de suas experiências pessoais, construídas dentro e fora da escola, refletiam sua visão de mundo e os valores que elas estavam incorporando em sua vida. As professoras mencionaram que tais opiniões divergentes foram trabalhadas em contraposição a outros saberes, favorecendo o processo de ressignificação dos conhecimentos que as crianças possuíam anteriormente. No entanto, não nos parece que o resultado tenha sido diferente do que apontou a discussão inicial, uma vez que o texto coletivo não

³⁸ Diniz, Oliveira e Costa (orgs.), *Gira, Gira: viajando no universo do saber*, p. 40, grifos das autoras.

destaca o caráter violento do casamento matuto, tal qual mencionou uma das crianças da turma. A narrativa produzida pelas crianças reforça, mais uma vez, a ideia do casamento tradicional por amor e para a formação de família com filhos e se limita a dizer que “Quando o assunto é festa junina, o casamento é de brincadeira e é engraçado porque o noivo corre para não se casar, a noiva desmaia e o pai da noiva chama o delegado para o noivo se casar à força”³⁹.

Assim, parece-nos que o fato do casamento matuto constituir uma tradição cultural impossibilitava a escola, ainda naquele momento, de reforçar no imaginário das crianças o caráter violento de uma prática que, se não fosse brincadeira ou mera encenação teatral, deveria ser considerada intolerável, uma vez que causava constrangimentos aos sujeitos envolvidos e os oprimia. Entretanto, há que se refletir acerca da origem dessa versão considerada cômica em torno do casamento matuto nos festejos juninos, uma vez que, segundo Mariza Lira, o casamento fantasiado teria sido introduzido nas festas juninas por volta da década de 1950, nas zonas rurais próximas ao Rio de Janeiro. A autora, que havia presenciado casamentos e batizados de verdade nas antigas festas de São João, crítica a nova tradição, enfatizando que a “macaqueação do casamento caipira é tudo o quanto pode haver de mais inexpressivo nessas festas de encanto poético e místico”⁴⁰. Assim, se as tradições são inventadas ao sabor das circunstâncias, caberia também à escola, em uma conjuntura de combate às opressões de todos os tipos e de defesa de uma educação para a liberdade, reinventá-las, fazendo eco à voz da criança que considerava o casamento matuto, tal qual apresentado nos festejos juninos do NEI, um evento marcado pela violência.

Se os festejos juninos, tal qual vivenciados no NEI, geravam reflexão e ajudavam as crianças que ali estudavam a compreender o mundo em que viviam, eles também funcionavam como fonte de inspiração para a mente inventiva daquelas crianças, que criavam histórias de faz de conta fundamentadas em tal tradição. Na história de Sarah, a pequena autora se apropria do enredo do conto de fadas *Cinderela* e o reveste com trajes caipiras em *O milagre de São João*:

Numa noite de São João três irmãos que ir [sic] a uma Festa de São João. Então eles eram pobres e não tinham dinheiro para fazer a roupa. Aí surgiu uma fada e ela fez a roupa e o carro e quando chegaram dançaram e começaram a soltar chumbinhos e ficaram felizes para sempre para que seus

³⁹ Diniz, Oliveira e Costa (orgs.), *Gira, Gira: viajando no universo do saber*, p. 41.

⁴⁰ Mariza Lira, *Calendário Folclórico do Distrito Federal*, Distrito Federal: Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1956.

sonhos realizaram-se⁴¹.

Nessa história, ao invés da Gata Borralheira que não tinha um vestido adequado para ir ao baile promovido pelo príncipe encantado, temos três irmãos pobres que não tinham dinheiro para comprar os trajes para a festa de São João. Em ambas as histórias, entrava em cena a fada madrinha. Mas o poder mágico da fada se convertia, no faz de conta de Sarah, em “milagre de São João”, realçando a religiosidade e o misticismo em torno da figura dos santos. Já mencionamos que nas turmas da educação infantil do NEI, em tempos de São João, o resgate das simpatias ocorria como parte dos estudos acerca da cultura popular. Embora as simpatias não constituíssem casos de milagres de santos, referiam-se a superstições e a credences populares que condiziam com a crença na magia e na fantasia que prevalecia na infância. Nesse sentido, consideramos que as festas juninas do NEI eram muito mais do que mera vivência de uma tradição popular religiosa. Tais festas constituíam-se como práticas que fomentavam novos saberes e novas experiências na infância, que forjavam uma cultura que, embora estivesse ancorada na socialização e na ludicidade, não se esgotava nisso. Por meio da festa a escola se abria para a casa. Vestidos de chita, ao calor da festividade de São João, as crianças do NEI apresentavam aos seus familiares o saber-fazer da instituição.

Novas vivências e experiências nos festejos da semana da criança

No calendário, o mês de outubro possui duas datas importante dentro da cultura escolar: o dia das crianças, comemorado em 12 de outubro, e o dia do professor, festejado no dia 15. Geralmente, a expectativa em torno dessas datas é grande, sobretudo em escola de educação infantil e de ensino básico, nas quais a relação professor-aluno costuma ser bastante estreita. Embora nossas fontes silenciem a respeito da comemoração do dia dos professores, ela é farta em referências ao dia das crianças. Dessa forma, o NEI, desde os primórdios de sua existência, dedicava-se a festejar suas crianças, numa semana inteiramente programada para elas. Mas como acontecia essa festividade?

A primeira referência à comemoração da semana da criança no NEI aparece no ano de fundação da instituição, 1979, quando uma série de atividades foram programadas para festejar a infância e a criança que ali estudava:

A abertura [da semana da criança do NEI] aconteceu hoje

⁴¹ Maria da Paz de Souza Moreira, Norma Borges Pimentel e Rutilene Santos de S. Melo (org.), *Contando histórias da cultura potiguar. Turma 5 B tarde*, Natal: UFRN/CCSA/DE/NEI, 2001, p. 70.

[dia 05 de outubro de 1979] às 10 horas na sede do Núcleo, com uma gincana de corrida de sacos, confecção de um painel com os trabalhos das crianças em pintura, desenho e massa.

Na segunda feira será armado um Mural – com as crianças pintando as paredes em azulejo. Às 9h.30m. o Reitor em Exercício, professor Clóvis Gonçalves dos Santos fará uma visita ao Núcleo e em seguida serão exibidos filmes de desenho animado. Na terça-feira haverá piquenique nos jardins da Praça Cívica do Campus, onde as crianças farão pinturas reproduzindo o que mais lhe chamar a atenção. Haverá, também apresentação da Bandinha e corrida do Gato no Pote.

Para quarta-feira está programado passeio ao Bosque dos namorados, onde participarão de brincadeiras e jogos. Exibição de Teatro de Fantoques, com professores e alunos do Curso de Artes.

E quinta feira haverá visita ao aeroporto Augusto Severo, no horário de decolagem e aterrissagem de um avião, além de filmes infantis.

Finalizando a semana dedicada às crianças o Núcleo Educacional Infantil programou uma visita ao Reitor em exercício, Clóvis dos Santos e em seguida apresentação do teatro de Mamulengos na Fundação José Augusto⁴².

O extenso relato que transcrevemos nos revela uma boa dimensão do investimento da universidade na comemoração da semana da criança nesse primeiro ano de existência do NEI, quando a instituição atendia 63 crianças entre 2 e 5 anos de idade, filhos de estudantes, funcionários e professores da UFRN⁴³. As atividades, que se estenderam por seis dias, entre o domingo e a sexta-feira, ocorreram tanto no próprio espaço escolar, quanto em espaços externos à escola, porém no âmbito da própria universidade, como nos jardins da Praça Cívica da UFRN e na reitoria, mas também no espaço mais amplo da cidade e do Estado, como no Bosque dos Namorados do Parque das Dunas e na Fundação José Augusto, instituição cultural do Estado do Rio Grande do Norte⁴⁴, ambos localizados em Natal e também no Aeroporto Augusto Severo,

⁴² *Boletim Informativo da UFRN*, n. 127, 5 out. 1979, p. 2.

⁴³ *Boletim Informativo da UFRN*, n. 64, 23 mai. 1979, n.p.

⁴⁴ O bosque dos Namorados é o setor de uso público do Parque das Dunas, unidade de preservação ambiental do Estado do Rio Grande do Norte, localizado no bairro do Tirol, na cidade de Natal. O local possui infraestrutura para o desenvolvimento de atividades de pesquisa científica, educação ambiental, lazer e turismo ecológico. A Fundação José Augusto, também localizada no bairro do Tirol, em Natal, dedica-se a atividades de gestão cultural e funciona como

localizado na cidade de Parnamirim, nas proximidades de Natal⁴⁵. Gincana, brincadeiras, exposição dos trabalhos das crianças, atividades de pintura, desenho e modelagem, exibição de filmes de animação, piqueniques, passeios, apresentação de bandinha e de grupos de teatro diversos divertiram e entreteram as crianças durante aquela semana.

Entre as atividades que se desenvolveram na semana da criança do NEI naquele ano de 1979 destacamos a apresentação do Núcleo de Instrumentistas do Núcleo de Arte e Cultura – NAC, da UFRN, formado por crianças na faixa etária entre os 8 e 14 anos, todas provenientes da Cidade da Esperança, bairro popular localizado na zona oeste da cidade de Natal, num trabalho de extensão organizado pelos professores do NAC⁴⁶. Destacamos também o aspecto solene conferido à semana da criança, que contou com a presença do reitor em exercício da UFRN na festividade em dois momentos específicos: no início e no final da semana, com vistas a prestigiar o evento tanto em sua abertura quanto em seu encerramento. Assim, no dia 12 de outubro, as crianças, juntamente com a diretora da instituição, Professora Eulália Barros e demais orientadoras, foram recebidas, durante meia hora, pelo Reitor em exercício, Clóvis Gonçalves dos Santos, que “foi saudado pelas crianças com cantigas folclóricas”⁴⁷. Acreditamos que tal dimensão dada às festividades da semana da criança naquele primeiro ano de existência do NEI tenha ocorrido no sentido de demonstrar para a comunidade acadêmica a importância que os filhos dos professores, demais servidores e alunos da UFRN, possuíam no âmbito da UFRN em sua nova função de proteger e educar a infância, garantindo aos seus servidores e alunos melhores condições de trabalho e de estudo. Acreditamos, sobretudo, que a solenidade era parte de uma estratégia que objetivava conferir maior visibilidade à política assistencial adotada pela UFRN naquela conjuntura específica.

Em 1980, a assessoria de imprensa da UFRN divulgou novas informações acerca das atividades que seriam realizadas durante a semana da criança no NEI, que ocorreria entre os dias 1º e 12 de outubro e que contaria com a

órgão de desenvolvimento, incentivo, apoio, difusão e documentação das atividades culturais realizadas no Estado do Rio Grande de Norte, sendo também a responsável pela administração de várias instituições culturais, tais como a Casa de Cultura Popular do Rio Grande do Norte, a Cidade da Criança, o Forte dos Reis Magos, o Instituto de Música, o Memorial Câmara Cascudo, o Museu Café Filho, a Pinacoteca do Estado, o Teatro Alberto Maranhão, entre outras.

⁴⁵ O Aeroporto Augusto Severo, localizado na cidade de Parnamirim, no estado do Rio Grande do Norte, à 6 km da zona sul de Natal, foi o principal aeroporto do Estado, operando comercialmente entre os anos de 1980 e 2014, quando foi desativado e substituído pelo Aeroporto Internacional Governador Aluizio Alves, localizado em São Gonçalo do Amarante, região metropolitana de Natal. Hoje, opera exclusivamente com aviação militar, servindo à Força Aérea Brasileira (FAB).

⁴⁶ *Boletim Informativo da UFRN*, n. 129, 09 out. 1979, p. 3.

⁴⁷ *Boletim Informativo da UFRN*, n. 131, 11 out. 1979, p. 2.

participação ativa das 132 crianças que lá estudavam. De forma semelhante ao ocorrido no ano anterior, a programação contava com “passeios pela cidade e pelo *campus* universitário, jogos, pic-nic, pintura de mural e apresentação de teatrinho de fantoche”⁴⁸.

Novas informações acerca da programação da semana da criança no NEI aparecem-nos apenas no ano de 1985, quando os alunos participaram, numa quarta-feira, do dia do brinquedo e, na quinta-feira, pela manhã, tomaram banho de piscina. Na sexta-feira as crianças, juntamente com suas professoras, participaram do Programa Conviver, realizado no Centro de Convivência Djalma Marinho da UFRN⁴⁹. Nesse evento, os protagonistas da festa foram tanto as crianças quanto os professores. O Programa Conviver promoveu uma apresentação do Coral de Alunos da Escola de Música da UFRN e distribuiu sorvetes, pipocas e refrigerantes para a criançada. Houve, ainda, apresentação de mamulengos, mostra de vídeo infantil e sorteio de livros infantis, numa promoção da Livraria Cooperativa Cultural da UFRN. Esta atividade estava aberta não só às crianças do NEI e suas professoras, mas também a toda comunidade universitária e demais crianças natalenses⁵⁰.

Além das atividades programadas pelo NEI, a Associação dos Funcionários da UFRN – AFURN, juntamente com a Divisão de Atividades Desportivas e o Programa de Assistência do Estudante, promoveram num domingo, dia 13 de outubro de 1985, uma série de atividades na Praça Cívica do *campus* universitário, destinadas às crianças. O evento tinha como finalidade “despertar na criança o interesse pela utilização das áreas livres e verdes, como também, reaproximá-las dos brinquedos tradicionais como pau-de-sebo, peteca e telefones de lata, entre outros”⁵¹. A ação da AFURN, em conjunto com a ação da Pró-reitora de Extensão, demonstrava, mais uma vez, a importância crescente que a criança vinha adquirindo no meio social e na universidade, em função da adoção de uma política assistencial.

A análise de nossas fontes nos permite concluir que no decorrer da década de 1980 a semana da criança foi um evento relevante no calendário escolar do NEI, visto que professoras e alunos se engajavam numa série de atividades de caráter lúdico para festejar a infância. Apesar de não termos informações que cobriam todos os anos da década de 1980, conjecturamos que

⁴⁸ *Boletim Informativo da UFRN*, n. 164, 29 set. 1980, p. 3.

⁴⁹ *Boletim Informativo da UFRN*, n. 129, 08 out. 1985, p. 1. Considerando que as séries de boletins informativos preservadas pela Biblioteca Central Zila Mamede não estão completas, nossas informações sobre a semana da criança programada pelo NEI nesse ano de 1985 encontram-se fragmentadas. O fato de não termos conseguido localizar todos os boletins referentes ao mês de outubro, nos impossibilitou de reconstituir a programação ocorrida nos primeiros dias da semana.

⁵⁰ *Boletim Informativo da UFRN*, n. 131, 10 out. 1985, p. 2.

⁵¹ *Boletim Informativo da UFRN*, n. 131, 10 out. 1985, p. 2-3.

o investimento nos eventos vai diminuindo no decorrer do tempo, se compararmos os dados apresentados para o ano de 1979 e o ano de 1985, quando a ocorrência das atividades de passeio, que envolviam maiores recursos humanos e financeiros, bem como as apresentações musicais e teatrais, diminuíram de um momento para outro.

Mas novas informações nos chegam a partir dos anos de 1990, a partir dos relatos das professoras e das narrativas das crianças. No ano de 1991, a turma 1 das professoras Judite e Elba combinou de fazer uma pintura, um banho de grude e um banho de chuveiro em comemoração ao dia das crianças. Tais atividades ocorriam com grande frequência nas festividades da semana da criança do NEI, conforme podemos ver pelas *Imagens 4 e 5*, abaixo.

Imagem 4 - Banho de grude no NEI



Fonte: Acervo do NEI, sem data.

Imagem 5 - Banho de bica no NEI



Fonte: Acervo do NEI, sem data.

A atividade, previamente planejada pelas professoras, requeria que, naquele dia, as crianças fossem para a escola com roupas de banho sob o uniforme escolar. Assim, no dia 10 de outubro a festa aconteceu com muito entusiasmo e euforia das crianças: meninas de biquini, meninos de short de banho e professoras de maiô, todos se direcionaram para “um lugar onde ficasse melhor para pintarmos nosso painel”⁵². Lá, depois de colocar os papéis na parede, as crianças foram colorir o grude (cola de goma de mandioca) que havia sido previamente preparado por Dona Josefa, cozinheira da escola. As professoras dividiram, então, o grude em três bacias, que foi tingido, pelo grupo de crianças, com três cores distintas: vermelha, amarela e azul. Depois da tintura pronta iniciaram a pintura dos papéis na parede com a participação de quase todo o grupo, exceto duas crianças que preferiram não participar. Em um determinado momento, uma das crianças subverteu a atividade programada, misturando um pouco de grude com areia e passando pelo seu corpo, fato que teve a anuência de todo o grupo. Dessa forma, experimentaram o grude de todas as formas possíveis e, depois que se pintaram, juntamente com suas professoras, seguiram para um banho de chuveiro, providenciado pelo Sr. Zulamar, funcionário da escola, que colocou uma ducha na ponta de uma mangueira. Já de banho tomado, as crianças encaminharam-se para o lanche e, na sequência, para o parque. Depois de brincar no parque, encerraram a comemoração do dia assistindo, “cansados e felizes”, ao filme *Babar*, em sala de aula.

A descrição de tais atividades desenvolvidas na semana da criança no âmbito da turma 1 demonstra o aspecto lúdico que envolvia a prática pedagógica no NEI. Brincando, as crianças tingiram o grude, misturaram-no à areia, pintaram um painel e o próprio corpo, numa atividade de criação e experimentação com vistas a divertir e a desenvolver as habilidades sensório-motoras. Outro indício de comemoração do dia das crianças no NEI nos chegou a partir dos registros das próprias crianças. O relato de Cristianne nos informa que, no ano de 1992, na semana da criança, teve corrida do limão, corrida do saco, corrida da cadeira e dança da laranja na escola, momento configurado como de grande diversão para as crianças⁵³. Já em 1996, para comemorar as festividades da semana da criança, a turma 5, em companhia das professoras Cynthia, Elba, Maria Emília e o servidor Zezinho foram, de micro-ônibus, a um passeio “muito legal” na Granja Luana na cidade de Macaíba, região metropolitana de Natal. Lá tomaram banho de piscina, passearam de charrete, jogaram bola e almoçaram carne de churrasco. Viram “porco, cavalo, vaca,

⁵² Judite Borges dos Santos e Elba Rosa Cavalcante de Vasconcelos, “Nível I – tarde”, in Sandro da S. Cordeiro, *Faça e Conte. Relatos da Prática Pedagógica*, Natal: NEI/UFRN, 1992, p. 23.

⁵³ Maria Emília Ferreira da Silva Freire (org.), *No mundo dos sonhos*, Natal: UFRN/CCSA/DE/NEI, 1992.

touro, pato, peru e boi”. Voltaram para o NEI às 13 horas, onde brincaram mais um pouco e depois foram para casa descansar⁵⁴.

No ano de 1999, a semana da criança no NEI foi comemorada com um passeio de bicicleta, que partiu da escola em direção à pracinha do *campus* da UFRN, conforme atesta um texto coletivo escrito por algumas crianças da turma 5 no livro *A turma da Mônica e seus amigos*⁵⁵. Em 2005 encontramos nova narrativa, publicada no livro *Gira gira*, que também narra o evento⁵⁶. No dia do passeio ciclístico as crianças eram aguardadas por suas professoras em um determinado espaço da escola, onde as bicicletas eram estacionadas e enfeitadas com fitinhas coloridas (em 1999 as fitinhas eram azuis e amarelas, das cores do NEI, talvez em função de estarem, naquele ano, comemorando os 20 anos da instituição). Na *Imagem 6*, podemos observar as bicicletas das crianças da turma 5 estacionadas no solário da escola, todas enfeitadas no guidom com fitinhas prateadas.

Imagem 6 - Bicicletas estacionadas no solário do NEI



Fonte: Acervo do NEI, *sem data*.

Participavam do passeio as crianças das turmas 3, 4 e 5 do NEI, suas professoras, os seguranças do *campus* e funcionários da escola, a exemplo de Cláudio, conforme destaca a narrativa do ano de 1999. Em 2005, alguns familiares das crianças também participaram do passeio. O trajeto do NEI à Praça Cívica do *campus* foi organizado pelas professoras e o trânsito foi controlado por um segurança, que garantiu às crianças um passeio seguro

⁵⁴ Medeiros e Vasconcelos (orgs.), *O futebol maluquinho e as palavras da turma 5 B*, p. 63.

⁵⁵ Andréa M. Diniz e Maria Marlene B. de Souza (orgs.), *A turma da Mônica e seus amigos. Turma 5 A manhã*, Natal: UFRN/CCSA/DE/NEI, 1999, p. 57.

⁵⁶ Diniz, Oliveira e Costa (orgs.), *Gira, Gira: viajando no universo do saber*, p. 52.

(Imagem 7):

Imagem 7 - Passeio ciclístico do NEI



Fonte: Acervo do NEI, *sem data*.

Durante o passeio realizado em 1999, “Cláudio [funcionário da escola] fez o maior sucesso, pedalou sua bicicleta, empinando com uma roda só, fazendo cada pirueta”, narraram as crianças da turma 5⁵⁷. Nesse evento, mesmo as crianças que não levavam bicicleta também se divertiam, já que podiam pegar de empréstimo a bicicleta do colega. Assim, pedalavam na pracinha, circulando ao seu redor, apostavam corrida e brincavam sem parar. O passeio foi finalizado com refrigerante e cachorro-quente servidos num delicioso lanche coletivo. Em 2005, no seu retorno à escola, as crianças foram aguardadas por um carrinho de picolé, a fim de que pudessem matar a sede e se refrescar do calor⁵⁸. O passeio ciclístico era um evento marcante, considerado inesquecível pelas crianças, que estavam “sempre lembrando [dele] na aula e pedindo a professora outro dia igual”⁵⁹. Parece-nos que a partir de fins da década de 1990 tal passeio tornou-se parte da cultura escolar do NEI, consolidando-se, ao longo do tempo, como ponto culminante na comemoração ao dia das crianças.

A análise de tais narrativas demonstrou que o dia das crianças no NEI não se reduzia ao 12 de outubro. A escola dedicava toda uma semana, senão mais, para comemorar a infância com suas crianças. Nessa semana de festividades, as atividades parecem-nos bastante diversificadas: cineminha, banho de grude e de bica, brincadeiras, passeios extraescolares, passeio ciclístico no espaço escolar, baile, gincana. Parece-nos também que as atividades se

⁵⁷ Diniz e Souza (orgs.), *A turma da Mônica e seus amigos*, p. 57.

⁵⁸ Diniz, Oliveira e Costa (orgs.), *Gira, Gira: viajando no universo do saber*, p. 52.

⁵⁹ Diniz, Oliveira e Costa (orgs.), *Gira, Gira: viajando no universo do saber*, p. 52.

diversificavam de acordo com a faixa etária das crianças, acompanhando o grau de desenvolvimento psicossocial de cada grupo. Observamos, também, a presença ativa de funcionários da escola em tais atividades, como a Dona Josefa, cozinheira da escola, que preparou o banho de grude das crianças; Sr. Zulamar, que lhes garantiu a ducha depois do banho de grude; Zezinho e Cláudio, que acompanharam as crianças nos passeios fora da escola. Tais dados nos levam a concluir acerca da importância dos mais diversos sujeitos (professores, servidores, familiares das crianças) na cultura escolar do NEI, partícipes do processo educativo e da vivência das crianças no espaço escolar.

As comemorações pelo dia da criança persistem ainda hoje no NEI, com características bastante similares às das narrativas analisadas, sobretudo a partir dos anos de 1990. Na atualidade, as festividades em comemoração ao 12 de outubro transcorrem durante todo o mês, com brincadeiras na escola, exibição de filmes ou peças de teatro, apresentação de grupos artísticos, shows de talentos protagonizados pelas crianças e por seus familiares, entre outras atividades. A comemoração tem como ponto de culminância o passeio ciclístico que ocorre num sábado de manhã, durante o mês de outubro, e envolve toda a comunidade escolar, bem como os familiares das crianças. Nesse dia as crianças são convidadas a levar para a escola suas bicicletas, patinetes, patins, *velotrolls* entre outros brinquedos de passeio e o estacionamento do NEI se torna, de fato, um grande estacionamento de veículos infantis enfeitados com as tradicionais fitinhas coloridas, não somente com as cores do NEI, mas com cores diversas com vistas a identificar, por cores, as diferentes turmas. O trajeto, controlado pelos seguranças do *campus* da UFRN, parte do NEI e segue até a rotatória situada em frente ao prédio do Centro de Ciência e Tecnologia (CC&T), sendo percorrido apenas pelas crianças maiores, seus familiares, suas professoras e funcionários da escola. As crianças menores permanecem com seus pais no estacionamento ou no pátio da escola, ou realizam o passeio em um veículo musical – o trenzinho da alegria, que abre o cortejo com uma música contagiante. Ao final do passeio, o lanche é realizado no pátio da escola, com distribuição de suco, pão de queijo e picolé para toda a comunidade escolar. Dessa forma, a escola buscava garantir que as vivências experimentadas pelas crianças nessa semana de outubro celebrassem com respeito a infância, garantindo-lhe o direito do pleno desenvolvimento de suas habilidades, tanto a partir de atividades educativas quanto de atividades lúdicas.

Considerações finais

Considerando que as festas escolares, como elemento constitutivo da

cultura escolar do NEI, são incorporações das festas sociais adaptadas à proposta pedagógica da escola, e considerando que nossas principais fontes de pesquisa guardam, sobretudo, as marcas do olhar da criança sobre o cotidiano escolar, nesse trabalho de reconstituição das festas do NEI observamos duas categorias específicas de comemorações que reuniam, em maior ou menor grau, a comunidade escolar: de um lado, temos as festas oriundas das tradições religiosas que, desde os primórdios da República, acompanhavam as festas cívicas como prática de invenções das tradição nacionais⁶⁰, a exemplo da festividade de São João; de outro, as festividades centradas na criança com vistas a celebrar a infância, a exemplo das comemorações de aniversários e das atividades lúdicas e recreativas levadas a cabo durante a semana da criança.

O NEI, gestado, nascido e criado no período de redemocratização do Brasil, não se viu na contingência de comemorar as chamadas festas cívicas, que até o período de abertura política constituíram-se numa imposição do Estado autoritário. Assim sendo, nossas fontes revelam que a instituição gozava de autonomia para determinar seu calendário festivo, de acordo com a sua proposta pedagógica.

As festas juninas, analisadas nesse artigo, mais do que mera reprodução de uma tradição popular religiosa, eram práticas que fomentavam novos saberes e novas experiências e forjavam uma cultura escolar que valorizava a pesquisa e a vivência das manifestações culturais na infância; da mesma forma, as festividades da semana da criança garantiam o desenvolvimento das habilidades da infância, por meio de atividades recreativas e culturais, dos jogos e das brincadeiras. Eram, também, em momentos festivos como esses que a cultura escolar se abria ao público mais amplo dos familiares de alunos que, juntos com as crianças, experimentavam da infância vivida no NEI.

⁶⁰ Circe Bittencourt registra a existência de tais festas, embora destaque que, comemoradas efetivamente nas escolas confessionais, não havia registros nas escolas públicas de São Paulo acerca das festas nacionais dedicadas à preservação do catolicismo, mesmo a partir de 1931, quando o ensino religioso foi introduzido nas escolas oficiais. Bittencourt, “As ‘tradições nacionais’ e o ideal das festas cívicas”.

Referências bibliográficas

Analice Cordeiro dos Santos Victor, Clarice Ferreira Guimarães e Cláudia Limeira de Sena (orgs.), *Uma mistura diferente: pesquisas, brincadeiras e histórias*, Natal: UFRN/CCSA/DE/NEI, 2005.

Analice Cordeiro dos Santos Victor e Olga Maria Cavalcanti Rocha, “Balões, bandeirinhas, milho e fogueira: os saberes/fazeres das tradições juninas na escola infantil”, in S. G. Pimentel (org.), *Entrelaçando vivências e saber na educação infantil*, Natal: NEI/UFRN, 2006, pp. 35-37.

Antônio de Pádua Carvalho Lopes, “A escola em festa: as festividades escolares na primeira república no Piauí”, in *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação*. Uberlândia: Editora da UFU, 2006, pp. 4365-4373.

Circe Bittencourt, “As “tradições nacionais” e o ideal das festas cívicas”, in Jaime Pinsky (org.), *O ensino de história e a criação do fato*, Belo Horizonte: Contexto, 2009, pp. 53-92,

Crislane Barbosa Azevedo, “Celebração do civismo e promoção da educação: o cotidiano ritualizado dos Grupos Escolares de Sergipe no início do século XX”, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 31, n. 62 (2011), pp. 93-115, <https://doi.org/10.1590/S0102-01882011000200007>.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior, *A invenção do Nordeste e outras artes*, São Paulo: Cortez, 2011.

Eulália Duarte Barros, “Núcleo Educacional Infantil: busca de um currículo para a pré-escola”, Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1990.

Eric Hobsbawm e Terence Ranger, *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Izana Maria A. Fernandes e Rutilene Santos de Souza Melo (orgs.), *A lâmpada do conhecimento*, Natal/RN: UFRN/CCSA/DE/NEI, 2005.

Fernand Braudel, “História e ciências sociais: a longa duração”, in *História e ciências sociais*, Lisboa: Editorial Presença, 1990, pp. 7-39.

Luciana de Oliveira Chianca, “Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa”, *Sociedade e cultura*, v. 10, n. 1 (2007), pp. 45-59, <https://doi.org/10.5216/sec.v10i1.1722>.

Maria Emília Ferreira da Silva Freire (org.), *No mundo dos sonhos*, Natal:

UFRN/CCSA/DE/NEI, 1992.

Marta Chaves, "Práticas pedagógicas na educação infantil: contribuições da teoria histórico-cultural", *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 27, n. 1 (2015), pp. 56-60, <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1356>.

Martha Abreu, "Cultura popular, um conceito e várias histórias", in Martha Abreu e Rachel Soihet (orgs.), *Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, pp. 83-102.

Roberto da Matta, *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

Rosa Milena dos Santos e Crislane Barbosa Azevedo, "Ensino e celebração: festas escolares nos grupos escolares norte-rio-grandenses no início do século XX" in *Anais do Seminário Didática e Ensino de História*, Natal, 2015.

Sebastião Alves Maia. "Grupo escolar Duque de Caxias Festas escolares: uma celebração de múltiplos significados", Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012, <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14535>.

Artigo recebido em 19-12-2023. Aceito para publicação em 19-01-2024.

Citação: Thábata Araújo de Alvarenga, "Festas escolares no Núcleo de Educação Infantil da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1979-2008)", *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 42, (2024), pp. 1-27.

Contato da autora: Thábata Araújo de Alvarenga: thabata.alvarenga@gmail.com.